

A [POLÍTICA DA] ARTE DE FAZER A PANELA DE BARRO CAPIXABA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA TRADIÇÃO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS VELHA

MARCELO DE SOUZA MARQUES¹; DANIEL DE MENDONÇA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – marcelo.marques.cso@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ddmendonca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A produção de artefatos cerâmicos na região de Goiabeiras, Vitória (ES), é de longa data. Segundo Perota *et. al* (1997), trata-se de uma tradição ceramista indígena Tupiguarani e Una. Essa tese foi corroborada pelos estudos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que resultaram no Registro do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, primeiro bem cultural Registrado pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial do Brasil (DOSSIÊ IPHAN 3, 2006).

Como destaca o Dossiê Iphan (2006, p. 15), o saber indígena foi apropriado por “colonos e descendentes de escravos africanos que vieram a ocupar a margem do manguezal, território historicamente identificado como um local onde se produziam painéis de barro”. A tese sustenta, portanto, que Goiabeiras é “o lugar onde esse ofício de fabricar painéis ocorre por tradição” (*Ibid.*; p. 15), abrindo margem para a construção discursiva do lugar de memória¹.

Contudo, a partir de meados do século XX, fluxos migratórios de artesãos dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco se instalaram em território capixaba. Entre os artefatos cerâmicos com os quais já trabalhavam, esses artesãos passaram a focar a produção de painéis de barro. Surgiam, assim, novos núcleos de produção de painéis de barro no Espírito Santo, como nos municípios de Vila Velha, São Mateus, Guarapari, Cariacica e Viana.

Mesmo com esses novos núcleos, as Paneleiras de Goiabeiras Velha² mantiveram sua posição cultural-simbólica de destaque, criando “marcas de diferenciação” (DIAS, 2006) com relação aos demais produtores. A construção das “marcas de diferenciação” baseia-se, sobretudo, nas técnicas de produção e na inscrição no lugar de memória, isto é, Goiabeiras Velha.

Com relação às técnicas de produção, a distinção está no fato das Paneleiras de Goiabeiras Velha não utilizarem o torno na confecção das peças cerâmicas, como fazem os artesãos de Guarapari e de Vila Velha, e por não realizarem a queima das peças em fornos, seja elétrico, como as artesãs de São Mateus passaram a fazer a partir de 2013, seja fornos artesanais, feitos de tijolos, como os artesãos de Guarapari, Cariacica, Vila Velha e Viana.

Já com relação à inscrição no lugar de memória, vale destacar a luta pelo “barreiro” (jazida de onde é extraída a argila utilizada na produção cerâmica de Goiabeiras) em finais da década de 1980. O Governo intentava a construção de uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) na região do “barreiro”. Diante do

¹ O “lugar de memória” pode ser entendido como um espaço comum, uma construção social, onde se recria a tradição num processo de identificação coletiva (MOTTA, 1992).

² O termo “Paneleiras de Goiabeiras Velha” implica duas questões. A primeira diz respeito à categoria “Paneleira”. Trata-se de um saber fazer transmitido pelas mulheres e uma atividade ainda predominantemente feminina – utilizaremos “Paneleiras” para se referir tanto às mulheres quanto aos homens envolvidos com o saber fazer. A segunda questão é que o termo “Goiabeiras Velha” indica uma construção social das próprias “Paneleiras”. Trata-se de um conjunto específico de ruas do bairro Goiabeiras (DIAS, 2006; SIMÃO, 2008).

risco de limitação do acesso à principal matéria-prima, as Paneleiras passaram a ser organizar contra as pretensões do Estado, mobilizando um discurso de ancestralidade, destacando a inscrição histórica de sua tradição, de construção do lugar de memória³ e de invenção da tradição⁴.

Nesse contexto de finais dos anos 1980, a construção da ETE, que se concretizou em 2002, após acordo entre o Governo do Estado e a Associação das Paneleiras de Goiabeiras (APG), era percebida pelas Paneleiras e por seus apoiadores diretos, como o IPHAN e a municipalidade de Vitória, como um risco à principal matéria-prima. Percebiam, outrossim, como risco ao próprio ofício das Paneleiras e, como o “barreiro” integra o imaginário do lugar de memória desse grupo, era uma barreira a qualquer possibilidade da constituição identitária enquanto Paneleiras de Goiabeiras Velha.

No início dos anos 2000, a posição cultural-simbólica de destaque das Paneleiras de Goiabeiras Velha foi reconhecida e reforçada com o Registro do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras como um bem cultural de natureza imaterial – o primeiro Registro de um Patrimônio Imaterial do Brasil (DOSSIÊ IPHAN 3, 2006).

Considerando o contexto capixaba de produção de panela de barro, em que coexistem ao menos seis núcleos produtores, e tendo em vista as complexas relações que perpassam a construção discursiva das Paneleiras de Goiabeiras Velha ao longo do tempo, bem como a presença de instância do Estado, nosso objetivo consiste na análise da produção de sentidos do discurso de tradição das Paneleiras de Goiabeiras Velha e na percepção do papel que coube ao Estado, em suas diversas esferas, neste processo.

Objeto de diferentes estudos desde os anos 1990, entre os quais destacamos Perota *et. al* (1996), Dias (2006) e Simão (2008), este estudo se demonstra original ao buscar novos vieses de interpretação da dinâmica de construção do discurso das Paneleiras de Goiabeiras Velha, considerando tanto a ação das próprias Paneleiras, quanto a ação do Estado. Para isso, nossas análises partem das contribuições da abordagem da Ciência Política, em geral, e da teoria do discurso em Laclau e Mouffe (2011 [1985]), em particular.

Ademais, consideramos a pesquisa relevante diante do atual contexto de Revalidação do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras⁵. A Revalidação nos chama a atenção, novamente, para o papel do Estado na reprodução do discurso de tradição das Paneleiras de Goiabeiras.

A viabilidade deste estudo, em grande medida, relaciona-se aos estudos já realizados, os quais, ao lançarem reflexões sobre o objeto, permitem o desenvolvimento de análises que buscam avançar na compreensão das complexas relações discursivas das Paneleiras de Goiabeiras Velha. Vale destacar que a pesquisa possui financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que torna viável os

³ Cf. Nota 1.

⁴ A ideia de “tradição inventada”, cunhada por Hobsbawn e Ranger (1984), designa um processo de construção comum de sistemas signícos, respeitante ao passado e reproduzido no presente.

⁵ O Ofício das Paneleiras de Goiabeiras foi o primeiro bem cultural registrado pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial do Brasil e, como consta no Decreto 3.551 de agosto de 2000, em seu Artigo 7º, o IPHAN deve realizar a revalidação dos bens culturais registrados a cada dez anos e encaminhar ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural a fim de revalidação ou não do título de Patrimônio Cultural do Brasil. Em consonância com o referido Decreto, aos 26 de julho de 2013, conforme Portaria Nº. 340 publicado no Diário Oficial da União, o IPHAN institui a Comissão Técnica responsável por acompanhar o processo administrativo de Revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil ao Ofício das Paneleiras de Goiabeiras. A pesquisa teve início no começo de 2014.

deslocamentos para realização da pesquisa de campo.

2. METODOLOGIA

Devido ao objetivo do estudo, a pesquisa mobilizará as seguintes técnicas qualitativas de pesquisa: revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas em profundidade.

Revisão bibliográfica consistirá na análise de referências já conhecidas, como Perota *et. al.* (1997), Dias (2006) e Simão (2008) e na pesquisa de novos trabalhos acadêmicos obtidos a partir de consulta em periódicos científicos e bancos *online* de dissertações e teses. O objetivo é analisar a produção científica sobre o objeto de estudo e verificar as possíveis contribuições para o presente estudo.

A análise documental será estruturada a partir de possíveis documentos a serem obtidos junto ao IPHAN, ao Conselho Municipal de Cultura de Vitória e à Secretaria de Cultura de Vitória. O objetivo deste instrumental é buscar informações em documentos oficiais que possam contribuir para verificarmos a atuação do Estado junto às Paneleiras de Goiabeiras.

A utilização da técnica de entrevista em profundidade tem como objetivo analisar o discurso das Paneleiras de Goiabeiras. Mais especificamente, compreender como as Paneleiras (re)significam o contexto dos anos 1980-90, marcado por relações de conflito com o Governo do Estado e de parcerias com a municipalidade de Vitória. Além disso, analisar a os impactos do Registro do Ofício das Paneleiras na produção de discursos e analisar os posicionamentos discursivos das Paneleiras em relação aos artesãos de Guarapari;

Ainda com relação às entrevistas em profundidade, pretende-se mobilizar outros atores, como o prefeito de Vitória durante a legislatura de 1989-1992 (contexto de conflito com o Governo do Estado e de criação da APG), a pessoa responsável pela Secretaria de Ação Social na gestão em questão e a Direção da 6ª sub-regional do IPHAN no Espírito Santo, entre 1989 e 1990. O objetivo da mobilização desses atores é compreender o papel do Estado, em suas diversas esferas, na reprodução discursiva das Paneleiras de Goiabeiras Velha.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento da pesquisa, os resultados têm indicado que, embora existam diferentes locais de produção de panela de barro no Espírito Santo, as Paneleiras de Goiabeiras Velha têm se constituído, ao longo dos anos, enquanto em posição de destaque na produção de panela de barro.

Além da dimensão cultural-simbólica (construção discursiva da ideia de “legitimação” e “tradição”), o contexto de produção de panela de barro envolve a dimensão econômica (concorrência pelo mercado artesanal de panelas de barro entre diferentes núcleos produtores, especificamente Goiabeiras e Guarapari) e uma dimensão política, envolvendo o Estado e suas instituições consagradoras.

A posição mantida pelas Paneleiras de Goiabeiras Velha perpassa as três dimensões e indica diferentes relações e articulações, especificamente na representação da municipalidade de Vitória e do Instituto do Patrimônio Histórico e Natural Nacional (IPHAN).

O contexto local de produção de panela de barro, portanto, não se apresenta enquanto um ambiente autor-referenciado, mas, ao contrário, enquanto um contexto sobredeterminado (LACLAU & MOUFFE, 2011 [1985], marcado por diferentes relações sociais que asseguram sua aparente “coerência” no tecido

social. Analisar o discurso das Paneleiras de Goiabeiras Velha exige compreender as relações entre os elementos que se fazem presente neste contexto.

Nesse sentido, nossa hipótese é a de que a posição das Paneleiras de Goiabeiras Velha pode ser percebida como uma “hegemonia social”. De forma mais geral, e mais apropriada, trata-se de relações de poder na produção de sentidos no social voltados à construção de uma hegemonia, perpassando as dimensões cultural-simbólica, econômica e política e envolvendo diferentes elementos na produção do discurso de tradição das Paneleiras de Goiabeiras Velha.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, podemos concluir que a construção desse discurso envolve instâncias do Estado e a produção de valores simbólicos à “legítima/tradicional” panela de barro, por parte das Paneleiras de Goiabeiras Velha em relação aos demais núcleos produtores.

Representado pelo IPHAN e pela Prefeitura Municipal de Vitória, o Estado teve papel significativo no processo de estruturação do discurso das Paneleiras de Goiabeiras enquanto portadoras de legitimidade cultural no contexto capixaba de produção de panela de barro. Este discurso é uma tentativa de fixação de sentidos de autenticidade e tradicionalidade, envolvendo dimensões política, econômica e social, para legitimar as Paneleiras de Goiabeiras Velha no mercado simbólico de produção de panela de barro no contexto capixaba. O discurso é reafirmado pelo Estado, sobretudo pela municipalidade de Vitória, para divulgar a cultura e o turismo local, ambos agindo como caixa de ressonância no social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, C da C. **Panela de Barro Preta: a tradição das Paneleiras de Goiabeiras**, Vitória – ES. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006.

DOSSIÊ IPHAN 3 (2006). **OFÍCIO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS**. Distrito Federal: IPHAN, 2006.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011 [1985].

PEROTA, Celso; BELING NETO, Roberto A.; DOXSEY, Jaime Roy. **Paneleiras de Goiabeiras**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. Belo Horizonte: Itatiaia/USP, 1974.

SIMÃO, L. M. **A semântica do intangível: considerações sobre o Registro do ofício das Paneleiras do Espírito Santo**, 2008. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal Fluminense – Niterói, 2008.